

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Alexandre Pereira Simões

O BALANÇAR NA CARROÇA E AS ANDANÇAS PELO ESPAÇO ESCOLAR:
narrativas sobre a escola de um grupo de catadores
de uma vila de Porto Alegre

Porto Alegre

2012

Alexandre Pereira Simões

O BALANÇAR NA CARROÇA E AS ANDANÇAS PELO ESPAÇO ESCOLAR:

narrativas sobre a escola de um grupo de catadores
de uma vila de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em
Educação de Jovens e Adultos e Privados de
Liberdade do Programa de Pós-Graduação em
Educação da Faculdade de Educação da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profª Dr. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre

2012

Alexandre Pereira Simões

O BALANÇAR NA CARROÇA E AS ANDANÇAS PELO ESPAÇO ESCOLAR:

narrativas sobre a escola de um grupo de catadores

de uma vila de Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof^ª Dr. Laura Souza Fonseca

Aprovado em 06 de outubro de 2012.

Prof.ª Dra. Laura Souza Fonseca - UFRGS - Orientadora

Prof. Dr. Evandro Alves - UFRGS

Prof.ª Dra. Aline Lemos da Cunha - UFRGS

Nosso dia vai chegar,
Teremos nossa vez,
Não é pedir demais,
Quero justiça.
Quero trabalhar em paz,
Não é muito o que lhe peço,
Eu quero trabalho honesto
Em vez de escravidão.
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte
Não consegue escravizar
Quem não tem chance.
De onde vem a indiferença?
(...) quem me dera acreditar
Que não acontece nada.

Fábrica- Legião Urbana

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à minha mãe, professora Maura, que me alfabetizou, mas que também vem ensinando-me há muitos anos muito mais além das letras e palavras. Ao meu padrastro, que aos poucos foi virando pai de verdade, que um dia presenteou-me com uma carroça e hoje em dia continua a contar suas histórias nos churrascos de domingo. Não posso esquecer da Dona Neli que na minha infância deixava-me passear e brincar com seus filhos em meio as sucatas de seu antigo ferro-velho. Aos catadores que deixaram-se escutar, e permitiram que, como na minha infância, andasse e balançasse novamente numa carroça. Meus sinceros agradecimentos a esta universidade (UFRGS) que juntamente com a Faculdade de Educação muito me acolheu durante a graduação, bolsa de extensão e como aluno de pós-graduação, ensinando-me como ser e a melhor ser professor. Agradecimento especial às Lauras que estão comigo: A primeira, minha professora e sempre orientadora que muitas vezes me desacomodou na academia, nunca deixando de acreditar em meu potencial durante nossas andanças e projetos nas vilas em que juntos trabalhamos. A outra Laura, minha agora filha, que chegou de repente já grande e despertou-me para a paternidade que ainda não conhecia. Por fim, à minha esposa Tanise, também professora, que me acolhe a cada dia com muito carinho e nunca se cansa de ostentar um sorriso alegre e gentil nos cafés da manhã.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo apresentar e analisar o cotidiano de um grupo de carroceiros catadores de material reciclável de uma vila situada na zona norte de Porto Alegre: a dureza conferida ao seu modo de vida e trabalho, a feiura da supressão de seus direitos básicos, mas também a boniteza no modo como ainda resiste no desenvolvimento de sua atividade.

Ao mesmo tempo em que analisa as práticas sociais desses sujeitos, a investigação propõe um resgate do tempo em que, enquanto alunos, estes sujeitos frequentavam os bancos escolares. Desse modo, as narrativas tecidas a partir de suas falas, gestos e posturas, servirão como pano de fundo para o entendimento de como, onde e por que eles se perderam no caminho até a escola, bem como uma melhor reflexão desses mesmos trabalhadores acerca da relevância dessa instituição.

A des/coberta da interrupção dessas suas trajetórias pessoais, bem como os des/caminhos pelos quais tais sujeitos passaram, separando-os da sala de aula, indicará que essa “não escolarização” está refletida nas suas práticas do dia a dia, através da resignação em progredir no/de trabalho, na resistência em conviver com os seus pares por meio de parcerias e associações e na relutância em voltar ao próprio trajeto para a escola, adentrando em suas dependências.

O estudo fala da escola que encanta, mas que também expulsa, não promovendo em momento oportuno o retorno desse aluno, tendo em vista ainda o seu despreparo para fazê-lo. Por outro lado, sob a ótica dos movimentos sociais, é observado que a vida em coletividade (associação) aponta novas perspectivas em educação de jovens e adultos e na própria questão do trabalho do catador desde que movidas no âmbito da educação popular, na qual o sujeito pratica o exercício da cidadania na forma de reivindicações por/mais/melhores direitos sociais.

Por fim, a investigação constatou que mesmo estando longe da associação e da escola, o catador está mais próximo da primeira possibilidade e que é por meio dela que a instituição escolar pode ser levada até ele, transformando-se em realidade.

Palavras-chave: Educação. Trabalho. Educação Popular. Catadores. Narrativas. Movimentos Sociais. Direitos Sociais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Bairro Sarandi com localização da Vila Nova Brasília	19
Figura 2 – Avenida principal da Vila Nova Brasília paralela ao arroio (escondido atrás das casas)	20
Figura 3 – Beco situado às margens do Arroio Passo D`Areia e local onde moram os catadores entrevistados	22
Figura 4 – Moradia de um dos catadores	23
Figura 5 – Moradia de um “atravessador” dentro da vila.....	23
Figura 6 – Arroio Passo D`Areia (trecho situado entre Vila Dique e Vila Nova Brasília)	24
Figura 7 – Charge depreciando os carroceiros	25
Figura 8 – Galpão de triagem (particular) de um “atravessador” onde foram realizadas algumas das entrevistas	33

SUMÁRIO

1	METODOLOGIA/INSTRUMENTOS	9
2	REFERENCIAL TEÓRICO	10
3	OBJETIVO GERAL	11
4	JUSTIFICANDO A PESQUISA	12
5	CARROCEIROS CATADORES: quem são estes sujeitos?	14
6	INDO E INTER/VINDO : as primeiras incursões	16
7	O CENÁRIO DA PESQUISA: panorama da Vila Nova Brasília	18
7.1	DO OUTRO LADO DO ARROIO, UMA VILA QUE NÃO ESTÁ NO MAPA	25
8	A ESCOLA COMO A/TALHO	26
8.1	ESCOLA? VOU CONTINUAR TOCANDO	28
8.2	ASSOCIAÇÃO? MELHOR É VIVER SOLTO POR AÍ	29
9	OUTRAS FORMAS DE EDUCAÇÃO	34
9.1	CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO: a rua e a cidade ensinando	36
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXOS	45

1. METODOLOGIA/INSTRUMENTOS

O estudo utiliza-se da pesquisa qualitativa/etnográfica na intenção de descrever o cotidiano de um grupo de carroceiros catadores de materiais recicláveis moradores de uma vila da zona norte situada nas imediações do aeroporto da Cidade de Porto Alegre.

A abordagem dos sujeitos pesquisados ocorreu no local de descarte do material (galpão de triagem), e nas suas imediações¹. Para tanto, foram utilizadas, através da observação participante e registro no diário de campo, entrevistas semiestruturadas, na intenção de conhecer quais as memórias, as aproximações, os des/encontros que estes trabalhadores possuem acerca da escola. As significações que os sujeitos atribuíram a ela serviram como pano de fundo para uma melhor reflexão dos mesmos acerca da precariedade de sua situação, bem como, do papel que a referida instituição teve em suas vidas e qual o grau de importância atribuída a ela nos dias de hoje: a escolarização como im/possibilidade.

Foram entrevistados oito trabalhadores/as na idade compreendida entre 35 a 63 anos, os quais tiveram alguma experiência com a escolarização.

A utilização do método etnográfico como estratégia de pesquisa fez-se necessária à medida em que houve a pretensão de conviver com os catadores, observando o modo como levam suas vidas, escutando suas demandas, mas sem o objetivo de desmanchar aquilo que já haviam construído no que se refere ao trabalho informal e a não escolarização.

¹ Em frente ao galpão, ruas e becos próximos do local.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como pesquisador, minha intenção nesse trabalho foi poder andar junto com o catador dentro de sua carroça, “balançando” com ele juntamente com a sua carga e, na medida do possível, descer até ao chão, recolhendo o lixo com ele. Entretanto, no decorrer da pesquisa, notando que tal proximidade não era possível, tentei da mesma forma demonstrar minha disposição andando junto com aquilo que ele sente, pensa e acredita acerca de sua vida, escutando os sonhos que o fazem “balançar”. Enfim, minha intenção, durante a nossa jornada, foi pegar carona naquilo tudo que move a sua vida, conhecendo as suas derrotas e vitórias no dia a dia.

Sendo assim, é imprescindível lançar mão, sobretudo, dos apontamentos de Paulo Freire acerca da Educação de Jovens e Adultos. Na concepção de Freire, o sujeito trabalhador aparece como alguém que possui visões de mundo que devem ser respeitadas, mas também ampliadas. O sujeito possui uma realidade que lhe é dura, mas necessita ser auxiliado a pensá-la criticamente. Ele é alguém que possui uma história de vida que deve ser levada em conta, mas, ao mesmo tempo, ao tomá-la como inacabada, deve ser encorajado a reescrevê-la como sujeito protagonista (Freire, 1996); fatores indispensáveis para a promoção da cidadania gerada dentro do contexto da luta de classes por mais e melhores direitos sociais.

Desta forma, também foram utilizados outros autores (Frigotto, Brandão, Gentili, Arroyo, Fischer, Haddad) que seguem a linha de pensamento de Freire voltada para uma educação (popular)² comprometida com a transformação social.

² Ética, política, dialógica, libertadora, esperançosa.

3. OBJETIVO GERAL

Ao auxiliar o sujeito a re/conhecer qual é a sua história dentro do contexto escolar, buscar analisar com ele qual o papel que tal instituição exerceu ou ainda exerce em sua vida e se existe alguma possibilidade de revivê-la.

4. JUSTIFICANDO A PESQUISA

Passei o início da minha adolescência andando pelas ruas da cidade de Alvorada/RS em cima de uma carroça. Meu pai a usava para buscar mercadorias no centro de nossa cidade para vender em seu pequeno comércio (armazém). A carroça também era usada para fazer carretos e vender melancias. Em muitas dessas andanças, eu e/ou meus irmãos íamos com ele para ajudar com o trabalho. Sem a companhia de nosso pai também usávamos a carroça para buscar pastagens em terrenos baldios para alimentar os animais que criávamos em casa. Durante essas andanças, esse meio de transporte também era utilizado para lazer, pois parávamos em diversos pontos da cidade para nos divertir com os amigos que iam juntos na carona (lagoa, banhados, lixões, etc.). Como quase nenhum de nós ganhava brinquedos dos pais e parentes, tínhamos que confeccionar os nossos próprios meios de diversão. Com o lixo seco, montávamos carrinhos de lombo, patinetes, roletes, pernas de pau, roletes de lata, carrinhos e caminhões de madeira. Tínhamos curiosidade pelo lixo, porque era dele que vinha nossa diversão. Foram através destes passeios que descobrimos que poderíamos usar a carroça para gerar renda e gastar com nossas necessidades de crianças e adolescentes. Como só havia coleta de lixo na avenida principal de cidade, havia bastante lixo nas esquinas e terrenos baldios na periferia onde a maioria da população morava. Inicialmente, os lixões eram utilizados por nossa turma para catar restos de brinquedos e para a confecção de outros tantos, depois passaram a ser nossa fonte de renda. Assim, por intermédio da carroça, tínhamos as ruas da cidade como meio de lazer; já ao lado de nossa rua possuíamos o “ferro-velho” para nos divertir sem sair de casa. Nesse local, além de brincar em meio a um monte de sucatas de carros, ônibus e caminhões, também podíamos vender o que catávamos nos lixões da cidade (vidros, ferro, panelas, ossos para se fazer sabão).

Sendo assim, desde cedo, minha relação com a carroça e o lixo reciclável foi bastante familiar. Possuir uma carroça naquele tempo não consistia em nenhum tipo de vergonha, muito pelo contrário, era um motivo de orgulho, porque significava um meio de lazer e um meio de transporte quando praticamente ninguém possuía automóveis naquela época, no final dos anos 70. O adolescente que possuía uma carroça em sua família tinha mais amigos, mais brinquedos, mais passatempos e mais dinheiro do que as outras crianças e adolescentes.

Hoje, penso que, havendo na cidade de Porto Alegre a existência de milhares de carroças³ usadas como fonte de renda para uma considerável parcela da população que é desassistida pelo poder público, bem como a promessa desse poder de retirada das ruas desse meio de trabalho até o início do evento mundial de futebol no ano de 2014⁴, urge a necessidade de dar atenção a esse trabalhador do lixo reciclável, investigando os fatores que fazem parte de seu modo de vida e que “balançam” com ele junto com o lixo reciclável dentro de sua carroça: a saída do campo para a cidade, o desemprego, o subemprego, a moradia precária, a insalubridade do trabalho, a desassistência na saúde, bem como o seu trabalho solitário, sem o amparo de nenhuma forma de parceria. Questões que servem de pano de fundo, sobretudo, para investigação da questão da escolarização, uma vez que esta pode significar novas perspectivas de trabalho in/formal. Ao andar e balançar com esse trabalhador em sua carroça, tentarei descobrir em qual esquina da vida a escola foi deixada para trás, onde ficou esquecida, extraviada e como hoje ela é lembrada. Dessa maneira, talvez, juntos possamos re/encontrá-la.

³ A Prefeitura Municipal de Porto Alegre estima que haja na cidade aproximadamente 18.000 catadores; destes, cerca de 8.000 são carroceiros.

⁴ A lei 10.531/2008, chamada de “lei das carroças”, prevê a retirada gradual das ruas da cidade de todos os catadores com carroça ou carrinho até 2016. Entretanto, estuda-se a possibilidade da data limite ser antecipada para 2014 tendo em vista a realização na cidade de jogos da Copa do Mundo de Futebol neste mesmo ano. Para que a saída das ruas desse público seja possível, a prefeitura da cidade promete capacitação para os trabalhadores através de diversos cursos profissionalizantes, habilitando para imediato ingresso no mercado formal de trabalho. As associações de catadores devem ser utilizadas pelo governo local para intermediar o processo, fazendo a chamada e posterior encaminhamento dos seus associados aos cursos oferecidos. Para tanto, os trabalhadores deverão associarem-se.

5. CARROCEIROS CATADORES: quem são estes sujeitos?

Eles andam pelas ruas da cidade “catando” lixo reciclável e também tentando “catar” melhores oportunidades de trabalho durante a semana (mais lixo, algum biscate ou bico); A semana pode ser “boa”, mas tem que andar bastante pelas ruas sendo levado por seu animal na carroça em meio ao lixo recolhido; às vezes se consegue fazer mais de uma viagem e, assim, o dinheiro tende a aumentar. Pode ser que vá mais gente na carona, mas ainda assim, cabe bastante lixo no seu meio de transporte. Importa saber que todos os dias terá algum dinheiro na mão. Ser levado pela carroça por longas distâncias é também ser “levado” pela vida, até quem sabe um dia encontrar um trabalho melhor e mais digno. Será? Os “carroceiros” cultivam essa esperança ou habituaram-se a exercer este tipo de trabalho? Será que almejam um outro trabalho ou emprego com carteira assinada? Ainda há tempo para a escolarização, para mudar de vida? Talvez a escola passe pela carroça apenas como passam as inúmeras lixeiras vazias que encontra pelas ruas da cidade: sem significado algum; e que, por essa razão, é olhada com indiferença.

Por terem desde cedo abandonado⁵ a escola, como será que estes catadores enxergam-se? São muitos fatores que corroboram para a sua baixa autoestima: sem escolarização, sem “emprego de verdade”, sem moradia digna, sem assistência em saúde e em qualquer área da vida, além de não ter esperança de que essa situação irá mudar porque se sabe desde sempre que o governo não vai fazer nada para que as coisas melhorem. A situação ameaça agravar-se nos próximos anos com a retirada das carroças das ruas para que não “atrapalhem” a Copa do Mundo de Futebol.

Nas ruas, eles são vistos com “maus olhos” pela sociedade, porque enfeiam a cidade, maltratam os seus animais, atrapalham o trânsito, são “sujos”, “bêbados”, “semi/analfabetos”, “vileiros”, “maloqueiros”, “pilhadores⁶” de pátios, de estepes de automóveis, etc. Tais fatores

⁵ Segundo Jaqueline Moll (1996), a exclusão na escola concretiza-se já nos primeiros anos da alfabetização através de mecanismos de seletividade como reprovação, repetência ou evasão (abandono) escolar. Nessa perspectiva, a autora com base nas ideias de Bourdieu e Passeron (1975) afirma que tal seletividade endossa o papel da escola como reprodutora do sistema social. O processo seletivo das classes populares está ligado ao fato de o currículo escolar refletir os interesses da classe dominante, representar as experiências e a cultura dessa classe. O currículo escolar também utiliza o “código” elaborado por ela e incorpora os pressupostos ligados às suas práticas e expectativas. Já Miguel Arroyo (2005), nos fala que devemos como educadores superar a dificuldade de reconhecer que além de alunos evadidos ou excluídos da escola, eles carregam agora em sua bagagem trajetórias perversas de exclusão social, vivenciam trajetórias de negação de direitos mais básicos à vida, ao afeto, à alimentação, moradia, ao trabalho, à sobrevivência.

⁶ Saquear, roubar ou depredar.

não contribuem em nada para melhorarem a estima por si mesmos. Entretanto, em meio à feiura do trabalho que exercem, eles encontram algumas vantagens e estratégias que lhes auxiliam a melhor sobreviver: eles são carroceiros sim e catadores também, mas não como qualquer catador convencional. São diferenciados porque não precisam “puxar” um carrinho fazendo força; é o animal da carroça quem os “puxa”. Este fator contribui para valorizá-los num universo de tantos outros catadores sem carroça. Com o seu animal, eles podem percorrer maiores distâncias, mantendo mais pontos para poder recolher maior quantidade de lixo para vender. Eles podem chegar primeiro que os catadores carrinheiros⁷ nos pontos de lixo e no retorno para casa. Além disso, a carroça é um meio de transporte para si e para os seus familiares, até para passeios nos finais de semana. Sua carroça possibilita que ele faça biscates para complementar a renda. Se ele quiser, até pode ganhar dinheiro sem sair de casa, alugando sua carroça para outro catador. Além disso, com este meio de transporte ele terá sempre uma fonte de renda para si e seus familiares. Os catadores com tração animal não dormem nas ruas ou dentro de seus carrinhos, porque possuem uma moradia (ainda que precária) para descansarem. Ter carroça, em outras palavras, é ter um patrimônio, porque vale algum dinheiro se for vendida ou trocada. Ter carroça é ter mais um membro na família, tendo em vista o apreço e importância do animal. É dele que vem o sustento da família e a possibilidade de sonhar em ter mais conforto na vida.

Entrevistar os carroceiros e subir na carroça para balançar com eles pelas ruas cidade, é poder notar que a grande maioria deles são trabalhadores honestos, mesmo aparentando que não vivem de bem com a vida por desempenharem essa função. Eles enxergam-se como explorados e injustiçados, mas, assim mesmo, a grande maioria deles relutam em trocar suas ocupações por empregos de carteira assinada. Isso porque eles são seus próprios patrões, fazendo o seu próprio horário de trabalho, não possuindo nenhum responsável para lhes dizer o que fazer. O pagamento vem todos os dias e não somente no final de cada mês. Eles consideram-se livres nas ruas, sendo esta parte a que mais valorizam no seu duro trabalho.

⁷ O catador que não possui carroça, e sim um carrinho para carregar o lixo.

6. INDO E INTER/VINDO: as primeiras incursões

Como ir a campo e realizar uma intervenção bem sucedida? Como voltar de lá sempre com algo nas mãos? De início, não foi uma tarefa muito fácil, porque ao chegar no local onde os sujeitos entrevistáveis estavam, mesmo sem dizer uma única palavra, já estava de antemão identificado como “um estranho no ninho” . Isso porque não me aproximei dos catadores guiando uma carroça ou puxando um carrinho de lixo; da mesma forma, não estava com vestimentas simples, desgastada e até suja em função do árduo trabalho de rua. Provavelmente, a minha estranheza com o lugar (comunidade e galpão) e os trabalhadores que no galpão encontravam-se também denunciou o meu não pertencimento àquele grupo. Como lançar mão, então, de uma correta e ajustada entrevista etnográfica a cada incursão nos locais de entrevista? Por outro lado, comecei a pensar que este primeiro contato exploratório (olhar de surpresa, de censura e até de indiferença dos outros) foi de grandíssima relevância para o enriquecimento de dados da minha pesquisa. Seus olhares de início, aparecem agora transcritos nas entrevistas de outra forma: alguns tristes, alguns com certo brilho ao falarem sobre a escola, mas não mais de censura pelo desconhecido. Quando os catadores passaram a confiar um pouco mais em mim, seus olhares passaram também a falar muito sobre eles. Beaud e Weber (2007) nos falam que o pesquisador é um estranho no meio pesquisado, mas é essa mesma estranheza que tornará a entrevista produtiva. Prosseguindo, os autores afirmam que a entrevista etnográfica vem a ser um misto de observações e entrevistas no campo pesquisado, onde as entrevistas complementam as observações numa relação de constante diálogo.

Assim, enquanto também me observavam, pude com o decorrer do tempo até tornar-me um pouco mais familiar ao grupo, mas sempre com a preocupação de nutrir interesse pelas pessoas, suas ocupações e situações envolvidas. Mais adiante, nos próximos encontros, com a intenção de ser menos intruso possível e já com algumas trocas realizadas, fui aos poucos propondo uma “não entrevista” sem, ainda, algum papel nas mãos. Nesse sentido, os apontamentos que foram realizados nasceram, muito mais, frutos do diálogo estabelecido do que das respostas às perguntas que eram propostas através do questionário semiestruturado. Essas perguntas, já estando enumeradas e prontas, puderam ser, a todo momento, modificadas ao sabor das observações e conversações. Algumas delas nem ao menos precisaram ser respondidas quando assim o entrevistado desejou, porque seus olhares, gestos, silêncios, suas

posturas e falas também puderam responder às questões da pesquisa. Tudo foi, posteriormente, devidamente guardado no papel chamado diário de campo. Apontando nessa direção, André (2005) nos fala que a coleta de dados numa situação de campo é uma importante característica da pesquisa etnográfica, uma vez que o pesquisador aproxima-se das pessoas e mantém um contato direto por meio de conversas e entrevistas. Serão registrados no diário de campo as descrições das pessoas, os eventos e situações interessantes. As opiniões e falas dos sujeitos também serão anotadas. Além disso, para que tudo ocorra de maneira satisfatória, não deve haver nenhuma modificação do ambiente natural dos participantes.

Assim como nas muitas vezes em que realizei meu deslocamento até o local de pesquisa, na expectativa de ir e conseguir voltar com novos apontamentos ou até desapontamentos, esse constante movimento de “ir e vir” nas oportunidades que tive para realizar a intervenção na comunidade lembra também o “ir e vir” como constante movimento de reflexão que nos aconselha Freire (1996, p. 43): uma prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.

Proponho, assim, um guia de perguntas orientadoras para as conversações estabelecidas com os sujeitos pesquisados:

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Local de nascimento:
- 4) Quanto tempo desempenha esta ocupação de catador? Gostas dela?
- 5) Qual é a média de sua renda mensal?
- 6) Quantos moram em sua residência? O sustento da família vem apenas de sua renda?
- 7) Você faz parte de alguma associação de catadores?
- 8) O que você acha da “lei das carroças” que pretende tirá-las das ruas?
- 9) Gostarias de trabalhar em outro trabalho (de carteira assinada)?
- 10) Qual é a sua escolarização?
- 11) Por que parou de estudar? Acha importante estudar? Pensas em voltar a estudar?
- 12) Quais lembranças possui da escola quando frequentavas?

7. O CENÁRIO DA PESQUISA: panorama da Vila Nova Brasília

Hoje em dia, falar em “vila” ou dizer que é morador de vila não é tão vergonhoso como era anos atrás. Morava em uma vila na cidade de Alvorada chamada de “Vila Sapo” e procurava omitir isso das pessoas. Atualmente, morar em vila é muito comum e seu nome deixou ser sinônimo de pobreza. As vilas de agora tem muitas casas bonitas e bastante infraestrutura para se morar. No caso da cidade de Porto Alegre, se o nome da vila não for tão assustador como no meu exemplo, ajudará a sua aceitação pelas demais pessoas. Entretanto, há vilas que não saem do imaginário popular e transmitem medo e estranhamentos porque seus nomes estão frequentemente associados a manchetes policiais: Vilas Pinto, Cruzeiro, Dique, entre outras. Essa última, desde o ano de 2009 tem sido noticiada em função da necessidade de ampliação da pista do Aeroporto Salgado Filho e que por isso parte dela precisa ser extinta com o reassentamento das famílias atingidas para outro local. A partir de agora, de certa forma, essa vila (Dique) deixaria de causar estranheza para mim porque sua localização encontra-se ao lado da Vila Nova Brasília e por isso não poderia deixar de ser referida na pesquisa. Para tanto, a escolha do nome da vila foco da investigação foi acontecendo aos poucos, quando fui descobrindo que algumas crianças (alunos) da escola⁸ onde leciono eram moradores de lá. Também comecei a notar que aquela comunidade próxima da minha escola possuía inúmeros catadores de lixo reciclável, público alvo da investigação. Além da familiaridade que já possuía com alguns moradores de lá, outro fator que me instigou a querer fazer do local o meu “campo” de trabalho foi a sua localização: as margens de um arroio e ao lado da Vila Dique, local foco de grande interesse dos governantes desde a escolha da nossa cidade para ser sede da Copa do Mundo de Futebol.

De acordo com o mapa da Cidade de Porto Alegre, os dois locais descritos – Vila Brasília e Vila Dique - estão localizados na zona norte da cidade, dentro do Bairro Sarandi, nas imediações das Avenidas Assis Brasil e Sertório e muito próximas do aeroporto. Esse bairro possui muitas vilas com casas de classe média (Vilas Elisabeth, Meneghet, Leão, Parque, Minuano) e também vila de casas simples e pobres (Vilas Nova Brasília, União, Nazareth, Asa Branca, Dique e do Respeito). Como qualquer outra vila da cidade, a vila

⁸ A EMEF João B. Goulart localiza-se na Vila Elisabeth/Bairro Sarandi. A escola possui aproximadamente 1200 alunos distribuídos nos três turnos. No turno da noite, a instituição desenvolve a Educação e Jovens e Adultos. A turma em que sou titular pertence aos primeiros anos da alfabetização com alunos entre sete e oito anos de idade.

investigada não aparece descrita no mapa, porque eles costumam destacar apenas o nome dos bairros. Geralmente⁹ para serem identificadas no mapa, as vilas precisam ser associadas a ruas, avenidas (Avenida Dique, Tronco), arroios, praças ou estabelecimentos comerciais. A Vila Nova Brasília está localizada durante a extensão do Arroio Passo D`Areia¹⁰ a partir da sua entrada na Avenida Assis Brasil indo até o canal do DEP¹¹ que se estende até às margens da Rodovia Marechal Osório (*Freeway*). A localidade também pode ser identificada por acompanhar toda a linha da Rua Aderbal Rocha Fraga e Avenida Francisco Medeiros, ambas paralelas e às margens do arroio.



Fig. 1: Mapa do Bairro Sarandi com localização da Vila Nova Brasília.

Decidido onde trabalhar e com quem trabalhar me dirigi até a vila munido de uma considerável curiosidade. Como seria essa vila? Tem “cara” de vila como são noticiadas na televisão? Com casas, becos e ruas feias, “gatos” de luz por toda parte convidando a um incêndio? Alguma “cara”, aparência ela deveria ter. E se tem face, terá olhos também. Como ela se vê, então? Como os moradores se enxergam, como veem os catadores? De que maneira

⁹ Com exceção das listas telefônicas, os mapas atuais já começam a destacar o nome de algumas vilas. Entretanto, alguns nomes sempre deixarão de constar, tendo em vista o seu grande número e até mesmo porque muitos nomes somente existem no imaginário da população do local, não sendo ainda reconhecidos pelas autoridades municipais.

¹⁰ Chamado pela população da comunidade de valo, valão ou dique.

¹¹ Departamento de Esgotos Pluviais.

as escolas do bairro a olham? Que sons a vila possui? (SIMÕES, 2004) Que sons estes sujeitos catadores produzem? O que movimenta a vida na Vila Nova Brasília? Se ela movimenta-se, também produz sons e por que não sonhos... Quantas dúvidas... Entretanto, notei que essa curiosidade acerca da vida da/na vila poderia enriquecer meu questionário de entrevistas, bem como minhas conversas com os moradores.



Fig. 2: Avenida principal da Vila Nova Brasília paralela ao arroio (escondido atrás das casas).

A vila não possui uma entrada ou um aspecto descuidado que de longe alguém possa apontá-la como vila (vila que vive no imaginário popular) e demarcá-la não é tarefa simples. Ela parece estar “diluída juntamente com as outras casas bonitas de classe média. Para chegar até ela, basta acessar as diversas ruas principais que cruzam o Bairro Sarandi e que terminam no próprio Arroio Passo D’Areia, não havendo nenhuma ponte de acesso até o outro lado, com exceção nas proximidades da Avenida Assis Brasil. A partir daí, à medida que se vai caminhando até o final da rua escolhida, parece que a própria rua e as casas vão diminuindo de importância ficando menores e mais simples, mas nem por isso feias e descuidadas. No final da rua de forma transversal, tem início a rua principal da comunidade e paralela ao arroio. Mas, com exceção do início da vila (Av. Assis Brasil) e o seu final (Canal do DEP),

não se consegue avistar o arroio, porque ele parece ter sido escondido propositalmente. Esse arroio, chamado de Passo D`Areia, ao ficar atrás das casas confere uma aparência mais bonita ao lugar. Parece que esconder o “valo” foi a grande intenção dos moradores desde quando as casas começaram a ser assentadas, porque elas estão todas alinhadas uma ao lado da outra e sem espaços entre elas. O pátio é a própria calçada e a rua. Caminhando pela comunidade, pode-se notar casas modestas e bem cuidadas, com ruas pavimentadas, sem esgoto correndo a céu aberto, com rede elétrica e de água regularizada, sem montanhas de lixo pelas esquinas e em frente às casas, parecendo que se está ainda caminhando por espaços ainda do grande bairro. Notei também pouquíssimas carroças e carrinhos de lixo circulando pela comunidade. O cuidado com a aparência do lugar se mostra também no fato de cada casa possuir lixeiras. Muitas delas, confeccionadas de materiais como “tambores de máquinas de lavar” ou outros artefatos de material reciclável. O trabalho diário das donas de casa varrendo suas calçadas parece passar a mensagem de que os carroceiros e os carrinheiros não são bem vindos como moradores. Comecei a me questionar de onde as carroças ficam estacionadas, se as casas não possuem pátio. Onde está o meu público alvo da pesquisa? Tal organização provavelmente acontece tendo em vista a sensação de pertencimento dos habitantes ao bairro de mesmo nome da linha de ônibus, por isso a intenção de colaborar com a manutenção do mesmo, não sendo mal vistos por tais moradores: “A gente não pode nem levar os bichos [os cavalos] para casa porque os moradores [da rua da frente] não aguentam o fedor”. (Paulo, 48¹² - Diário de Campo, 19/06/2012). “Lá do outro lado [Vila Dique e margem do arroio] é vila mesmo [...] aqui vem identificado nas cartas como Vila Minuano, mas quase ninguém diz que é uma vila, o problema é o pessoal aí de trás”. (Ana, 57 – (moradora) - D. C, 26/06/2012).

O fato de praticamente todas as casas da Vila Nova Brasília ostentarem antenas de TV a cabo também deixa a entender que o lugar quer aparentar ser ainda uma extensão do Bairro Sarandi e que isso era mais um motivo para eu supor estar andando no lugar (vila) errado. Em conversas com alguns comerciantes do grande bairro, me foi relatado que durante a ocupação da área nenhum morador quis comprar terrenos próximos ao arroio, tendo em vista os alagamentos e a proximidade com a Vila Dique e o lixão do outro lado do referido arroio. Com isso, o local ficou livre para assentamentos irregulares¹³ nascendo assim a Vila Nova Brasília. Esse lixão citado que se encontra desativado desde o ano 2000 era denominado pelas autoridades do município como Aterro Sanitário da Zona Norte¹⁴. Com assentamento dentro da

¹² Os nomes que aparecem nas entrevistas são fictícios, logo depois vem destacado a respectiva idade.

¹³ Também chamados de áreas verdes.

¹⁴ (ASZN)

Vila Dique e próximo do canal do DEP, este aterro, agora como morro artificial, forma uma figura verde bem desenhada que pode ser vista por boa parte dos moradores de toda região. Esse morro em forma de pirâmide de degraus antigamente era fonte de alimento para as famílias de catadores das Vilas Dique e Nova Brasília. Dentro do Bairro Sarandi existem creches comunitárias e escolas (seis) e algumas delas são bem próximas do local. Já dentro da comunidade, ao lado do arroio, próximo a Avenida Assis Brasil há um posto de saúde identificado como UBS¹⁵ Nova Brasília. Não havendo nenhuma associação de moradores ou de catadores na Vila Nova Brasília, existem diversas associações de moradores dentro do Bairro Sarandi e comunidades religiosas que podem ser acionadas pelos moradores para intervirem por eles em alguma reivindicação junto ao governo municipal, sendo que o salão paroquial da igreja católica¹⁶ está sempre fazendo a chamada dos moradores mais desassistidos para diversas atividades.



Fig. 3: Beco situado às margens do arroio e local onde moram os catadores entrevistados.

A Vila Nova Brasília é movimentada durante todo o dia e, de certa forma, até alegre, porque o sentimento das pessoas é de pertencimento ao grande bairro: “Vila? A gente não mora em vila. Chamam de vila por causa dos carroceiros e do valão que está escondido. Vila é do outro lado e aqui atrás também” (Adão, 48 – (morador) - D.C, 10/04/2012). Ao caminhar

¹⁵ Unidade Básica de Saúde.

¹⁶ Paróquia Santa Catarina

por essa rua principal paralela ao arroio e pedindo ajuda aos moradores, consegue-se informações de onde encontrar algum acesso ao “valão”. Seguindo então as indicações dos moradores, encontrei apenas dois acessos até ele, já próximos ao canal do DEP e em frente ao antigo lixão. Ao conseguir acessar o arroio, fiquei muito surpreso porque pareceu-me que estava adentrando em uma outra comunidade atrás das referidas casas. As casas modestas da Vila Nova Brasília escondem não apenas o arroio, mas toda uma comunidade de catadores, por isso os mesmos não eram avistados na comunidade. Esse local, agora visível, parece ter sido esquecido pelas autoridades do município, porque a aparência desta “outra vila” é feia, descuidada e suja, com casebres feitos de lixo, ligados por um beco e margeando o arroio, formando ao longo de sua extensão uma “grande tripa”. Para o visitante que chega, parece que enxerga um grande quadro pintado como uma grande “montanha de lixo” com carrinhos de lixo, carroças e animais espalhados. Existe lixo por toda parte: ao longo do beco e margem do “valo” cujo leito é feito de depósito de lixo e moradia de animais que transmitem doenças. “O pessoal aí de trás não está nem aí se o valão vai entupir e entrar água com lixo e bichos nas nossas casas”. (Ana, 57 – (moradora) - D. C, 10/04/2012). Há em todo momento, descargas de lixo das carroças e carrinhos sendo jogados na água que insiste em ainda correr. Diversos animais (cães, gatos, porcos, cavalos, ratos) vasculham o entulho a procura de alimentos. Embora não seja esse o local para que fossem realizadas as entrevistas,¹⁷ fiquei muito satisfeito em des/cobrir o local, para assim poder entender melhor os depoimentos dos moradores das duas localidades que, na verdade, fazem parte da mesma comunidade chamada Nova Brasília.



Fig. 4: Moradia de um dos catadores.



Fig. 5: Moradia de atravessador dentro da vila.

¹⁷ Elas seriam realizadas no galpão (ou nos seus arredores) onde vendem o material tendo em vista a possibilidade de reunir o maior número de carroceiros.



Fig. 6: Arroio Passo D`Areia (trecho situado entre Vila Dique e Vila Nova Brasília) -fonte: Jornal Zero Hora.



Fig. 7: Charge depreciando os carroceiros – fonte: jornal Zero Hora (06/12/2012).

7.1. DO OUTRO LADO DO ARROIO, UMA VILA QUE NÃO ESTÁ NO MAPA...

Do outro lado do Arroio Passo D´Areia, já próximo ao canal, existe uma vila bem mais conhecida que a vila pesquisada, a qual a população de Porto Alegre chama de Vila Dique. Esta comunidade está em estágio de desapropriação e transferência de parte da sua população, tendo em vista a necessidade de ampliação da pista do Aeroporto Salgado Filho, localizado ao seu lado, por isso esta localidade logo deve ser “riscada do mapa” apesar de sua importância por servir de atalho entre a zona norte da cidade e o aeroporto, também diminuindo a distância entre a zona norte e a autoestrada BR 116. Além disso, por esta avenida passam diversas linhas de ônibus.

Entre a Vila Nova Brasília e a Avenida Dique situada ao lado do aeroporto, há um grande “vazio no mapa” apesar de ser local está onde existem milhares de pessoas moradores da Vila Dique. Até julho de 2012 já havia sido reassentadas 858 das 1.476 famílias cadastradas pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre para um novo espaço localizado¹⁸ na zona norte da cidade no Bairro Rubem Berta. A previsão para a mudança total é até dezembro desse mesmo ano. Nesse novo loteamento¹⁹, além do serviço de abastecimento de água e luz regularizado, rede de esgoto, iluminação pública e saneamento, já existe um centro social e uma unidade de triagem de material reciclado, mas depois de concluído contará com creche e escola municipal, unidades comerciais, posto de saúde, praça e área de preservação ambiental, infraestrutura que os moradores da atual Vila Dique não possuem. Os moradores da Vila Nova Brasília²⁰ ficaram muito animados quando começou a retirada da população do outro lado do arroio porque notaram que poderia ser uma boa oportunidade para que os moradores catadores atrás de suas casas também fossem transferidos. Mas logo ficaram decepcionados, porque somente parte da Vila Dique está sendo transferida e essas famílias beneficiadas possuíam moradias bem longe dali, nas imediações do aeroporto e tal público (catadores da Nova Brasília) nem ao menos foram inscritos para a mudança.

¹⁸ Avenida Bernardino Silveira Amorin, 1915

¹⁹ Chamado de loteamento Nova Dique.

²⁰ Parte onde não residem os carroceiros.

8. A ESCOLA COMO A/TALHO

A escola está distante das expectativas dos catadores, por isso demonstram indiferença em relação a ela. Histórias sobre escolarização ficaram no passado, mas os reflexos de não terem estudado suficientemente estão bem presentes nos dias de hoje. O dinheiro é curto e insuficiente para sobrevivência diária. Se no início de tudo, quando sentavam nos bancos escolares seus responsáveis lhes contaram que a escola era um “atalho” para uma vida melhor, agora ela é lembrada com dor, como se fosse um “talho”, um corte que não cicatrizou. São muitas histórias de fracasso na vida escolar que não vale a pena lembrar. “Por que eu larguei?” (Pedro, 38 - D. C, 19/06/2012). “Por que não continuei estudando?” (Jacó, 50 - D. C, 10/04/2012). Retomá-la mesmo que apenas através da memória é mexer em uma ferida ainda aberta, mas que não estava incomodando, já tinha sido deixada de lado, não importando mais.

Apresentar uma postura de indiferença em relação à instituição escolar é uma forma de proteção para não ter que lembrar como a vida poderia ter sido diferente se os estudos tivessem prosseguido um pouco mais, mas também porque ela encontra-se longe do necessário para o acolhimento dos catadores, não estando preparada para responder aos seus anseios: “Se tivesse um curso (profissionalizante) eu voltava [...]” (Dário, 35 - D.C, 24/05/2012). Ou ainda: “Demora muito pra se formar e daí depois não consegue grande coisa [...] é como se fosse um atalho para se conseguir um emprego melhor, mas deveria já ter terminado (a escolarização) há anos” (Mara, 42 - D. C, 31/05/2012).

Nesse sentido, Miguel Arroyo (2005, p.36) nos fala sobre o despreparo da escola para lidar com o público jovem adulto, das dificuldades de promover o seu retorno e permanência:

Quando jovens e adultos educandos são populares com trajetórias humanas tão difíceis de entender, terminam interrogando a docência e a Pedagogia, uma vez que os jovens carregam trajetórias fragmentadas que se contrapõem à linearidade do pensar e do fazer pedagógico. O sonho da escola é que todas as trajetórias fossem lineares, sempre progredindo, sem quebras, subindo as séries sem escorregar [...]

O descrédito com a escola também se mostra através de inúmeras justificativas que demonstram a intenção do não retorno: “Já está tarde para voltar” (Paulo, 48 - D. C, 29/05/2012). “Já estou velho pra isso [...] muito cansado” (Jacó, 50 - D. C, 19/06/2012). “Tenho que tocar a carroça [...] já era [...]”. (Pedro, 38 - D. C, 24/05/2012) “Já sei ler um pouco [...] tenho vergonha de voltar agora [...]” (Mara, 42 - D. C, 05/06/2012). Desculpas, os catadores consideram que têm de sobra para fugirem da escolarização. Cada um, à sua maneira, utilizando seus motivos como se fossem pequenos pedaços de retalhos descontínuos, que no conjunto formam uma grande “colcha de retalhos” onde cada qual pode se abrigar, se esconder. Memórias sobre a escola que não funcionou revelam sonhos desfeitos, deixados para trás, ofuscados por outros compromissos assumidos por vontade própria ou a “contragosto”: “Tive que parar de estudar para trabalhar e ajudar os meus pais” (Jairo, 62 - D. C, 10/04/2012); “As amizades eram legais e daí a gente começou a beber e a fumar” (Davi, 35 - D.C, 29/05/2012); “Larguei a EJA para morar junto com uma mulher” (Pedro, 38 - D. C, 05/06/2012); “Tive que trabalhar na roça, morava no interior” (Mara, 42 - D. C, 31/05/2012); “Meus pais não deixaram eu ir mais”(Paulo, 48 - D. C, 21/06/2012). Lembrar do prédio da escola, o pátio, a sala de aula, os professores, o caminho até lá faz surgir suspiros, meio sorrisos, faz lembrar de desencontros, desencantos, dos talhos que ainda marcam. Por sentir-se marcado por uma trajetória de insucessos, considerar-se sempre excluído, deixado de lado em diversas instâncias da vida, dentre elas a escola, ele acaba por se constituir em um sujeito resignado, sem forças para lutar e ir adiante. Hadams (Arroyo apud Adams, 1996, p.33) nos fala que os excluídos da escola são também excluídos de outros direitos básicos, como direito à saúde, alimentação, saneamento, habitação, organização. Além disso, também são excluídos do trabalho digno e das decisões de participação; enfim têm negado o direito de serem cidadãos.

A crença na vida como fatalidade os impede de crescer, de ir adiante, mesmo dentro das suas ocupações. A exemplo da escola, é mais fácil fugir, abandonar, arrumar outra coisa para fazer: “A vida é assim mesmo, meu filho [...] a gente é pobre [...]” (Denis, 63 - D. C,31/05/2012) “É só isso que tem pra fazer” (Jairo, 62 - D. C, 29/05/2012) A perda da esperança na escola que ficou para trás há muitos anos faz com que não acreditem em melhorias nas suas condições de trabalho. Entretanto, esperam um futuro melhor que o deles para os seus filhos e netos, fazendo-os com que frequentem os bancos escolares.

8.1. ESCOLA? VOU CONTINUAR TOCANDO...

A retomada da escola pode significar também o recomeço dos sonhos que ficaram para trás, o fomento de novos sonhos e desejos. O reencontro com a escola também pode sinalizar o encontro com novas amizades entre colegas, professores e funcionários. Assim, para que reescreva sua/s história/s sobre a etapa de escolarização, o sujeito deverá escantear os seus medos e frustrações e seguir em frente. Aos poucos ele irá se dando conta que a escola não é contra a sua ocupação e não tem a intenção de retirá-lo das ruas se ele assim desejar. De qualquer forma, ela será sua aliada dentro ou fora de sua ocupação. Assim, a instituição escolar, assim como um possível trabalho em associação, pode ser sua parceira, parceira, qualificando-o em sua ocupação, apesar da maioria dos catadores entrevistados revelar o desejo de continuar com o trabalho nas ruas, mesmo enfrentando constantes adversidades: “Vou continuar tocando... [trabalhando]” Não dá para voltar pro colégio agora [...]” (Paulo, 48 - D. C, 29/05/2012). Mas é através do convívio diário com colegas, e também com as letras e números que ele, aos poucos, irá descobrir que aprender a ler (não só de forma mecânica) é também desfrutar de liberdade, mas de uma liberdade diferente de viver solto, sem direção nas ruas; como nas palavras de Haddad (1991, p.168):

A escola, espaço de convivência, seja em sala de aula, seja no trabalho extraclasse, é um local privilegiado no desenvolvimento da capacidade de relacionamento, organização e participação, atitudes fundamentais num processo de mudança social, através do local de trabalho ou de outros locais de organização social, como o bairro, a comunidade, o sindicato, etc.

Além disso, a leitura de diversos portadores de texto atribuirá novos significados ao lixo, como também ao seu trabalho. A re/leitura do lixo em diversos sentidos: a sua reciclagem e os benefícios para a natureza, com menos cortes de árvores, menos energia gasta para produzi-los, o consumismo desenfreado, da forma como ele influi diretamente no seu dia-a-dia, gerando empregos, evitando o entupimento de bueiros, arroios e rios, a disseminação de doenças, etc. o novo conhecimento levando-o a pensar no outro, no coletivo a favor de uma vila, um bairro, uma cidade, um mundo melhor. O aprendizado da leitura no papel, nas placas de trânsito e de lojas, letreiros de ônibus, a leitura do novo, a leitura do

mundo. Na educação de Freire (1996) o sujeito é desafiado a um estado permanente de reflexão de sua realidade. O movimento de pensar e agir implica em conhecer cada vez mais para ler cada vez mais e de forma melhor o mundo e a palavra. Freire ainda nos fala (1985, p.15) “A leitura da palavra deve ser inserida na compreensão da transformação do mundo, que provoca a leitura dele e deve remeter-nos, sempre, a leitura de novo do mundo”.

8.2. ASSOCIAÇÃO? MELHOR É VIVER SOLTO POR AÍ...

A desaprovação com a escola de hoje também se mostra no fato dos catadores entrevistados olharem com desconfiança para outras formas de organização que lembrem o espaço escolar, ainda mais se esta instituição prometa alguma forma de benefício. Durante as entrevistas, quando eram questionados se faziam parte de alguma forma de associação, sindicato ou cooperativa de catadores, praticamente todos disseram que não participavam de nenhuma forma de organização, também não pretendiam iniciar. “Uma associação dos carroceiros? Nem pensar [...]” (Pedro, 38 - D. C, 19/06/2012). Há medo da possibilidade de, a exemplo da escola, de ser deixado para trás, mas também de ter que viver sob regras e enquadramentos. “O colégio era legal, mas tinha regras e quem não obedecesse não passava de ano.” (Mara, 42 - D. C, 10/04/2012). Outros entrevistados vão mais longe ainda relatando que em tal lugar vão ser roubados e explorados. “Eu fazia parte da associação, mas tinha que cumprir cotas de material. Tu trabalhava pra cachorro e quem lucrava era só o dono” (Davi, 35 - D. C, 24/05/2012); “Viver da carroça dá pra sobreviver. Às vezes surgem uns carretos, uns bicos e tem bastante lixo pra todo mundo e é só pegar. Não tem nenhum patrão dando ordens” (Davi, 35 - D. C, 24/05/2012); “ Já trabalhei de carteira assinada e não quero saber de nenhum chefe agora. Como é que vai ser na associação? Melhor é viver solto por aí ...” (Jairo, 62 - D. C, 21/06/2012); “Associação? Estou esperando pelo pessoal (outros catadores) que ficaram de se reunir e montar” (Denis, 63 - D. C, 05/06/2012).

A escolarização que não foi possível anteriormente para os sujeitos que desempenham o trabalho de coleta de lixo nas ruas faz com que os mesmos se tornem pessoas resignadas. Na escola, eles não tiveram tempo de conseguir as aprovações necessárias para que fossem bem sucedidos nos dias de hoje, por isso são tímidas no olhar, pouco sorridentes. Também possuem conversa curta, com pouco interesse no diálogo, sentindo medo e vergonha de viver em coletividade. A baixa estima que possuem por si mesmos os deixa na condição de considerarem que não poderão contribuir de nenhuma forma se forem inseridos dentro de um

grupo. Segundo Paixão (2011) os catadores reconhecem-se como trabalhadores, mas não veem o reconhecimento da sociedade pelo seu trabalho. Sentem-se ressentidos do estigma que a sociedade confere a sua atividade. Por viverem do lixo como fonte de trabalho, são vistos como miseráveis e mendigos, não possuindo nenhuma identidade. Conforme Fischer (2000), a questão da construção de uma identidade coletiva de um grupo passa pela adesão dos sujeitos a uma organização de mesmos interesses, encarada aqui, como inserida dentro do contexto dos movimentos sociais; ou movimento popular (Brandão, 1981). Segundo esse autor, por movimento popular entende-se todas as formas de mobilização e organização de pessoas das classes populares vinculadas ao processo produtivo. Sendo assim, para que um determinado grupo esteja assim constituído, ou em qualquer organização popular, é necessário, também, que em seu interior esteja atuando um outro “movimento”, o de “educação política”, uma vez que qualquer movimento, vinculado ao processo produtivo ou não, se constitui somente por estar posicionada a favor ou contra algo e alguém (Freire, 1996), embora seja intenção do pensamento neoliberal “despolitizar” a educação, dando-lhe o significado de mercadoria para poder, assim, garantir o triunfo de suas estratégias (Gentili, 1995).

Maria Regina Cabral (1999) apresenta a trajetória da educação popular no país desde os anos 50 até os dias atuais, buscando identificar as suas diferentes concepções e usos neste período. Com base nas ideias de Paulo Freire, a autora afirma que a educação popular pode também ser chamada de “libertadora”, porque, de acordo com suas palavras, essa educação, ao esclarecer para os sujeitos a sua situação de exclusão, tanto do trabalho quanto do consumo “contribui para que o mesmo lute contra essa exclusão” (p. 09) e, além disso, é libertadora porque “também considera a cultura popular e a identidade dos sujeitos” (p. 09).

Brandão (1984) afirma a grande razão e direção da educação popular: o fortalecimento do poder popular. Prosseguindo, o autor aponta que a educação popular em nosso país tem sido desenvolvida a partir de diferentes grupos, cujos objetivos variam de acordo com o contexto histórico e geográfico, assumindo, portanto, diferentes conotações que podem ter seu significado na alfabetização de adultos, na Associação de Bairro, no Círculo de Pais e Mestres, nas cooperativas, etc. Frigotto (1998) afirma que como instituição educativa, somos desafiados a entender como sobrevivem, em que, como trabalham, como se educam e se organizam estes sujeitos excluídos que se organizam numa heterogênea e complexa rede de formas de geração de sobrevivência.

Muitos catadores rejeitam a ideia de trabalhar em grupo por não conhecerem de fato o funcionamento de uma associação, de não acreditarem nos benefícios que ela pode lhes proporcionar, mas também por já terem se frustrado trabalhando para uma instituição que

provavelmente estava sendo mal administrada, estando sob o domínio de um agente explorador²¹ em detrimento do grande grupo que deveria ter a tarefa de administrar. Da mesma forma, a descrença em relação a alguma forma organização é alimentada pelas constantes desilusões com os políticos e autoridades governamentais que sempre prometem mas nunca cumprem o combinado. Assim como na escola, há diversas histórias de descaso dos políticos para com às suas demandas. As promessas de uma vida melhor convivem com os catadores desde o tempo em que eram crianças e frequentavam os bancos escolares.

Em relação a não associação existem alguns fatores que merecem ser levados em conta. Segundo os relatos, as pessoas que aderem à prática de catação não fazem isso por amor ao meio ambiente ou porque podem trabalhar de forma descomprometida, sem a interferência de patrões, mas sim por que foram expulsos da escola e por isso também foram excluídos do mercado formal de trabalho. A adesão acontece em função da sua condição de pobreza, muitas vezes extrema. Contudo, muitos deles também estão sendo forçados a abandonar esta ocupação, especialmente aqueles que sabem desempenhar algum ofício (faxineira/o, babá, pedreiro, servente de obra, porteiro, dentre outras): “Gosto da carroça, mas não sei se vou continuar porque os meus bicos de pedreiro tão dando mais dinheiro” (Jacó, 50 - D. C, 21/06/2012) ”Não tá dando pra viver só do lixo [...] tem que arranjar outra coisa pra fazer junto” (Mara, 42 - D. C, 31/05/2012). Tal desistência tem acontecido tendo em vista a constante queda do preço dos materiais reciclados no mercado de compra²². As empresas recicladoras estão adquirindo os materiais pelo preço bem abaixo do que anos atrás, diminuindo drasticamente os rendimentos dos trabalhadores. Por não poderem vender diretamente para tais empresas, (porque o material precisa ser beneficiado²³) os catadores são forçados a passar pelos “atravessadores” que comprem os reciclados por um preço irrisório, vendendo posteriormente por um preço muito superior até tais empresas. Assim, o quilo do plástico PET, que é comprado por R\$ 1,05, acaba sendo vendido por R\$ 2,20 após o beneficiamento. O seu trabalho de forma individual ou com sua família sem o acompanhamento de uma associação piora a sua condição de dependência. Uma cooperativa de muitos carroceiros poderia barganhar melhores preços dos materiais junto a tais “atravessadores”, fazendo com que todos os associados dividissem os lucros das vendas. Com o tempo uma prensa hidráulica poderia ser adquirida pelo grupo fazendo com que os lucros

²¹ Chamado pelos catadores de atravessador ou intermediário.

²² A crise dos preços está relacionada ao mercado internacional que teve forte queda nas cotações de commodities (alumínio, plástico, ferro, papel) que são importantes matérias-primas.

²³ Separado, prensado e acondicionado.

aumentassem porque conseguiriam vender direto para as empresas que reciclam, sem nenhuma interferência de intermediários. Se várias associações se unissem seria ainda melhor.

Se trabalhar em associação agrega maior valor ao material recolhido, por que os catadores deixam de fazê-lo? Não seria essa a grande motivação para começarem a organizarem-se de forma coletiva? Não é somente porque já tiveram alguma desilusão com alguma forma de organização (cooperativas/escola/igreja), mas também porque não são informados que existe tal trabalho em coletividade: “Nunca ouvi falar nisso” (da associação) (Paulo, 48 - D. C, 31/05/2012). Da mesma forma, eles não têm acesso até elas porque estão muito afastadas da sua rota de coleta, havendo em pouco número para atender a todos. Muitas delas já fecharam suas portas, tendo em vista a baixa procura de associados e o baixo preço dos materiais no mercado. Se o valor do dinheiro da instituição diminui, os integrantes culpam o coordenador/presidente pela crise e acabam desistindo de participar. “Eu participava quando morava na ilha (Ilha Grande dos Marinheiros) mas ela fechou, todo mundo quis trabalhar por conta” (Dário, 35 - D. C, 05/06/2012).

Cada dia que passa esse sujeito que utiliza a rua como espaço de trabalho necessita trabalhar mais, enchendo mais a carroça, percorrendo maiores distâncias para obter o mesmo dinheiro de sempre. Com o meio de trabalho e transporte cheio ao início da noite, vendem seus produtos para quem quiser comprar e onde for mais perto vender. O que se comprava para comer em casa, está cada vez mais difícil de se manter. A única segurança que possuem em suas atividades é a própria carroça com o animal, pois é considerado um bem e vale algum dinheiro. Ela também é a certeza do aparecimento de outras formas de renda, como carretos, limpeza de terrenos e recolhimento de entulho de obras caseiras. Ao viverem desprotegidos sem orientação, alguma forma de capacitação, incentivo, eles não vão percebendo que a cada dia não estão perdendo apenas em dinheiro, mas em alegria, em saúde e também a própria ocupação que possuem.



Fig. 8: Galpão de triagem (particular) de um “atravessador” onde foram realizadas algumas das entrevistas.

Preços médios²⁴ dos materiais reciclados praticados por “atravessadores” na compra junto aos catadores e de sua posterior revenda às empresas de reciclagem:

Materiais (kg)	R\$	R\$
Papel branco	0,25	0,60
Jornal	0,05	0,14
Latinhas	2,10	3,50
Vidro	0,02	0,08
Saco plástico transparente cristal	0,50	1,20
Garrafa PET branca (amassada)	1,30	2,40
Garrafa PET verde (inteira)	1,05	2,20

²⁴ Dados coletados junto aos catadores e responsável pelo galpão de triagem.

9. OUTRAS FORMAS DE EDUCAÇÃO

Sem a tutela de uma instituição, cada catador vai vivendo a sua vida, desconhecendo o que significa viver numa coletividade. Não é somente a questão do lucro que pode aumentar, mas também dos lucros de trocar experiências e aprender com o outro. Caso a escola demore a acontecer, a educação pode chegar até o trabalhador de outra maneira. Arroyo (2001) nos adverte que a educação não se faz apenas na escola, mas também no conjunto de processos formativos que acontecem na família, no trabalho e nos movimentos sociais; entretanto, faltamos, como educadores, observar tal fenômeno na sua pluralidade, no seu tempo e nos processos que ele acontece. Como nas palavras de Brandão (1984, p.72):

Educação Popular não requer apenas ser realizada no interior do sistema formal, separada do conjunto de práticas sociais dos indivíduos. Muito pelo contrário, a educação popular deve ser desenvolvida no interior de práticas sociais e políticas e é aí precisamente onde deve residir a sua força e a sua incidência. E ainda: [...] ela se realiza em todas as situações onde a partir da reflexão sobre a prática de movimentos sociais e populares, as pessoas trocam experiências, recebem informações, criticam ações e situações, aprendem e se instrumentalizam.

Em relação aos movimentos sociais, Fischer (2000) nos fala sobre como as dinâmicas sociais²⁵ propiciam o constante surgimento de formas alternativas de construção de identidades coletivas das classes menos favorecidas da sociedade. Essas, por sua vez, anunciam-se agora como “sujeitos de direitos” reivindicando mais e melhores serviços (de saúde, moradia, educação, entre, outros) e, por conseguinte, cobrando uma participação mais direta nas instâncias de poder. Sendo assim, se no início fazer parte da escola não for uma realidade possível, uma associação ou cooperativa pode ser de grande valia aos catadores, servindo de canal de acesso junto às instâncias do governo municipal, “dando voz” aos carroceiros, especialmente agora com os preparativos para o recebimento da Copa do Mundo

²⁵ Segundo o autor, entendidas como as modificações ocorridas nas últimas décadas no cenário político, nas relações entre estado e sociedade, capital e trabalho, luta pela inclusão das categorias de gênero, geração, etnia, religião, etc.

de Futebol²⁶ na cidade e promessa de encaminhamento dos catadores ao mercado formal via associações de trabalho. Em contrapartida, há a promessa da retirada das carroças das ruas.

Além de melhores ganhos em dinheiro, uma associação de recicladores pode trazer, de forma mais direta, uma série de outras vantagens inerentes à ocupação de seus participantes. Dentre elas, a ocorrência de palestras sobre o manejo adequado do lixo: doenças que podem ser adquiridas (parasitoses, hepatites, cortes), modo de evitá-las, seu tratamento, as vacinas para eles e seus filhos, modo de melhor acondicionamento do lixo na carroça, distribuição de luvas, a questão do meio ambiente, a importância da atividade de catação, princípios de economia solidária²⁷, etc. Além disso, o participante poderia ter acesso a uma série de informações sobre diversas áreas de seu interesse que residem fora do galpão como cursos profissionalizantes, oficinas, programas de benefícios da prefeitura, governo estadual e federal, encaminhamentos de seus filhos e netos para creches e, sobretudo, informações sobre localizações de escolas que ofereçam educação de jovens e adultos. Para que tais organizações sejam bem sucedidas, devem estabelecer parcerias com ONGs, escolas, igrejas, templos, iniciativa privada, universidades e principalmente apoio da esfera municipal. Mesmo que ainda não frequente a instituição escolar, participando de reuniões na busca de melhorias (no trabalho, comunidade, etc.) juntamente com os outros participantes, ele poderia ir aprendendo a dialogar, articulando melhor as palavras, esperando a sua vez de expressar-se, conhecendo diferentes pontos de vista, colocando-se no lugar do outro sujeito, enfim, sistematizando conhecimentos, aprendendo a importância de trocar experiência com outras pessoas, aprendendo, assim, princípios de cidadania. Fatores que somados constituem também diferentes formas de aprendizado. Como nas palavras de Freire:

Daí então, que nossa presença no mundo, implicando escolha e decisão, não seja uma presença neutra. A capacidade de observar, de comparar, de avaliar para, decidindo, escolher, com que, intervindo na vida da comunidade, exercemos nossa cidadania, se erige, então, como uma competência fundamental. (Freire, 2000, p.32)

²⁶ Tal evento acarretará uma mudança drástica na dinâmica de trabalho dos catadores, sobretudo dos que possuem transporte por tração animal.

²⁷ Segundo Barcelos (2004) a economia solidária tem defendido que a cooperação, o igualitarismo, a autogestão e a preservação ambiental são formas inovadoras de produzir, comercializar e distribuir os lucros sem passar pela exploração do trabalho. Estes princípios têm se concretizado através de cooperativas, comércio solidário, compras coletivas, moeda social, etc.

Um exemplo de associação bem sucedida é o CEA²⁸ localizada na Vila Pinto²⁹ que dispõe de telecentro³⁰, cursos profissionalizantes, assistência jurídica e diversas oficinas aos seus associados e comunidade. Ao viver e trabalhar de forma organizada, respeitando princípios de coletividade e solidariedade, o catador pode ser impelido a procurar uma outra forma de educação, só que agora de forma mais sistematizada: a escola. Melhor ainda, se através desse sujeito os movimentos sociais conseguirem refletir dentro da instituição escolar (Fischer, 2000), tensionando de forma crítica e criativa o conhecimento lá produzido.

9.1. CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO³¹: a rua e a cidade ensinando...

Jaqueline Moll (2004) em apontamentos no livro Cidade Educadora nos fala que a partir dos anos 90 uma rede de cidades espalhadas pelo mundo e com base na experiência da Cidade de Barcelona – Espanha, passou a discutir o papel das cidades como atores sociais e políticos, e como elas podem constituírem-se como peças fundamentais na resolução dos problemas sociais e na “manutenção e construção de identidades locais”. Entretanto, nesse processo, há a necessidade de “reconceitualizar” a cidade compreendendo-na no seu emaranhado de ruas, avenidas, praças e prédios, considerando-na como um território de múltiplas histórias e culturas e que por isso de incontáveis possibilidades educativas. Assim, implica a todos os envolvidos discutir quem realmente somos, que necessidade possuímos e que presente e futuro desejamos. Implica também nos assumir como diferentes atores sociais (governo, associações de moradores, “movimentos sociais”, grupo de jovens, igrejas, sindicatos, universidades, etc.) para poder participar desse processo de “reconceitualização” da sua cidade.

Nessa perspectiva, penso que quem faz parte da rua, a experencia a cada dia, aprende com ela e pode utilizá-la a seu favor, mas no caso dos catadores que ainda não aprenderam a organizarem-se como um grupo, é necessário que alguém lhe diga as possibilidades da rua (a escola, a associação, a própria prefeitura?); alguém que cante a canção e estimule esse sujeito também a cantar. Da mesma forma que o catador aprende cada vez mais a desenvolver

²⁸ Centro de Educação Ambiental.

²⁹ Bairro Bom Jesus/Porto Alegre/RS

³⁰ Com a disponibilização de equipamentos de informática, a intenção de tais espaços é reduzir a exclusão digital e promover a cidadania através do acesso à internet.

³¹ Fragmento da letra da música “pra não dizer que não falei das flores” de Geraldo Vandré.

estratégias de sobrevivência em sua ocupação ao ocupar-se dela, ele deve assumir-se como personagem da rua a cada dia. Ao reconhecer-se como parte dela, pois necessita estar nela para sobreviver, ele deve protestar que a rua também necessita dele para funcionar e ter vida. Assim como todos os outros meios de transporte e pedestres que circulam por ela a cada dia, o catador e sua carroça são peças fundamentais na engrenagem que faz a cidade inteira funcionar. Como ela irá perceber as possibilidades educativas da rua? Primeiro e acima de tudo, permanecendo nela. Ao começar a cantar (protestar) com outros catadores durante as suas jornadas com a carroça, ele começará a ser percebido e também perceberá que está ocupando e demarcando o seu espaço na rua, deixando de ser invisíveis politicamente, ajudando a construir a cidade. Para a rua poder ser encarada pelos movimentos sociais e governo como um espaço informal de educação (Moll, 2004), deve passar a ocorrer um processo de mudança dos significados que a própria cidade se atribui e lhe são atribuídos. Mudanças possíveis, uma vez que ela ainda está caminhando, estando ainda em construção. Dentro dessa perspectiva, a carroça deve fazer parte do andamento dessa ressignificação.

Assim, para que ele comece a caminhar e a cantar e seguir a canção, outros atores sociais deverão servir de mediadores nesse processo: a escola, a associação, a própria prefeitura? De qualquer forma a música de Geraldo Vandré fala da caminhada política acontecendo dentro de uma coletividade, onde cada sujeito participa caminhando e cantando:

“Caminhando e cantando seguindo a canção, somos todos iguais, braços dados ou não; nas escolas , nas ruas, campos, construções, caminhando e cantando e seguindo a canção; os amores na mente, as flores no chão, a certeza na frente, a história na mão, caminhando e cantando e seguindo a canção, aprendendo e ensinando uma nova lição;

Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer ...”

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver do lixo, daquilo que as outras pessoas jogam fora, torna a condição de quase miseráveis um pouco mais branda para os catadores carroceiros. Isso porque todo dia dá para trazer algum trocado para casa sem precisar pedir, mendigar nada para ninguém. Mesmo sofrendo, a cada dia, todo o tipo de rejeição da sociedade nas ruas e também das autoridades governamentais, esses sujeitos ainda se mantêm firmes na sua ocupação, porque consideram-se trabalhadores também, (Paixão, 2011) iguais às pessoas que acham que eles só atrapalham o trânsito. Não estão fazendo nada de errado; pelo contrário, estão fazendo um favor a todos, nos livrando um pouco de tanto lixo.

Apesar do dinheiro cada vez mais curto por conta do lixo que parece estar desaparecendo das ruas, eles continuam a concorrer com um número maior de catadores a cada ano. Tem dias que se consegue fazer mais de uma viagem e ganhar mais. Centenas de carrões passam por sua carroça, mas a única vergonha que conseguem sentir de verdade é não conseguir levar dinheiro para casa. A vergonha de não ter permanecido na escola já ficou para trás, por isso não gostam de reviverem as lembranças daquele tempo; Não querem voltar até ela, porque agora será um trabalho a mais para fazerem. Também relutam em associarem-se, o que seria uma alternativa para levar a escola até eles. Importa agora é trabalhar apenas na carroça. Consideram a escola muito devagar e por isso demorará muito tempo para consertar o passado, trazendo os benefícios, sobretudo financeiros, que perderam. Como nas palavras de Arroyo:

Muitos educadores da EJA, sensíveis aos educandos populares, sabem que esses jovens adultos se debatem com um sensação de caminhos cortados. Em cada encruzilhada ou chegada, pode estar a frustração e a pergunta inevitável: cheguei ao final do caminho? O que se abre a minha frente? O abismo, a outra margem, a borda? E depois dela? O vazio? Tentar de novo a escola pode significar que esperam ainda transpor essa borda [...] Porém, voltando à escola, nem todos experimentarão a sensação de que suas escolhas se tornarão mais facilitadas. Nem com a volta ao estudo suas trajetórias se tornarão planas. (Arroyo, 2005, p.34)

Contudo, as lembranças da instituição escolar ainda permanecem a andar com eles,

porque “desconfiam” que a escola ainda pode ser uma “saída”, uma saída das ruas, da carroça, do subemprego, um atalho até algo melhor, afinal tem sido essa a esperança direcionada para os seus filhos e netos, por isso lhes é dada a oportunidade de frequentarem os bancos escolares. Mas, agora, a escola serve somente para aqueles que têm tempo para ela, embora a falta de quase tudo, lhes apontem que a vida poderia ter sido diferente se ela tivesse acontecido de verdade. A inexistência da escolarização produziu ao longo da vida inúmeras histórias de fracasso, mostrando-lhe que as suas vidas viveram sempre a “balançar”, sendo jogada de um lado para outro, sem nenhuma direção e segurança de um futuro melhor. As oportunidades que perderam ou que nunca chegaram, no fundo, advertem que ainda falta algo para completarem suas vidas, afinal há tantas pessoas com tanto, outras com alguma coisa, eles sem praticamente nenhum bem. As outras pessoas conseguiram estudar? A escola não lhes fizeram abandonar? Eles acabam por culpar a si próprios pelos desapontamentos e fracassos na vida. Consideram-se os grandes culpados de terem abandonado a escola. Mas segundo Arroyo (2005), eles não abandonaram a escola de forma gratuita ou por acaso. Eles repetem histórias longas de negação de direitos. As mesmas histórias que seus pais, avós, de sua raça, gênero, etnia e classe social.

Uma curta investigação como essa, provavelmente não conseguirá convencer os catadores a tomar a rumo da escola ou associação, até porque nunca foi esta a intenção, mas terá sentido por tentar alertá-los de que eles estão totalmente jogados na vida, sem a devida atenção dos governantes e que por isso necessitam urgentemente fazer um balanço de suas vidas, decidindo qual caminho agora em diante trilhar. A situação de tais sujeitos não tende a melhorar e, se continuarem estacionados, até pode piorar. Mas o que fazer?

Se o sujeito não consegue se encontrar no caminho da qualificação, estacionando a sua carroça em frente a uma associação em comum com os seus interesses é porque também a prefeitura da cidade não lhes faz a chamada, não lhes apontam, direcionam, não lhes falam sobre associar-se. As autoridades municipais querem a associação para poder gerar qualificação, mas desde que ela seja destituída de carroças. Querem que os trabalhadores do lixo qualifiquem-se, mas sem a atividade de catação. Como farão? Se durante as entrevistas, os catadores demonstraram resistência em qualificar-se dentro da sua própria ocupação, vão ter que aceitar agora qualificarem-se em outra atividade? A proposta da prefeitura é apenas a qualificação mecânica no sentido de formar apenas bons trabalhadores, fabricados para submeterem-se mais facilmente às relações sociais de trabalho estabelecidas (Frigotto, 1983). Nesse sentido, a vinculação dos catadores junto aos movimentos sociais (cooperativas) é uma

alternativa para que verdadeiramente constituam identidade e reconheçam-se como sujeitos de direitos (Fischer, 2000) reivindicando algum ganho e participação com a chegada da copa, não sendo apenas espectadores, mas lutando por cidadania. Entretanto, somente poderão constituir como grupo se continuarem nas ruas. Marília Spósito (1993) afirma que é pela organização e luta política que os trabalhadores se apropriam de ser cidadão, passando a exigir os direitos que lhes foram negados. Cabe construir uma escola que seja mais um espaço de alimentação dessa consciência de direitos negados contribuindo no processo de sua organização. Segundo Freire, essa escola dever desenvolver:

Uma educação completamente diferente da educação colonial. Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não a competição. Uma educação que dê valor à ajuda mútua e não ao individualismo, que desenvolva o espírito crítico e não a passividade. Uma educação que se fundamente na unidade entre prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, insentive os educandos a pensar certo. (Freire, 2001, p.86).

Durante a pesquisa, constatei que os catadores estão muito mais perto da associação do que da escola, embora as duas possibilidades estejam distantes. Por isso a importância de se unirem por uma causa em comum, porque a escola pode nascer a partir dessa união dos trabalhadores. Como isso pode acontecer? Durante a luta nas ruas eles vão notando que a escola constitui um dos tantos direitos que lhes foram negados e que a mesma pode ser utilizada como instrumento na melhor organização do grupo, num movimento onde uma instituição (cooperativa/escola) irá complementando a outra, como nas palavras de Spósito:

O processo de apropriação do conhecimento é resignificado na luta. Percebem que a escola poderia oferecer um tipo de saber cuja necessidade só se torna explícita na dimensão política do ato de participar. A luta política é capaz de redefinir o sentido e a necessidade de saber, do direito à educação e da própria escola. Nesse sentido, não é a escola que prepara para o exercício da cidadania, discurso comum na fala dos educadores; é o aprendizado concreto da luta social, é a apropriação da cidadania pelos trabalhadores nos seus processos de organização política que os levam a exigir direitos que lhes foram negados, expropriados. Nos movimentos percebe-se que a

escola seria importante para completar melhor o saber da luta. (Spósito, apud Adams, 1993, p. 385).

Nunca foi a intenção desse trabalho apontar qual caminho o catador deveria rumar com a sua carroça, mas, agora, talvez ele comece a andar de um jeito diferente, pensando em coisas que anteriormente não pensava, refletindo sobre o exercício de sua atividade e sobre as suas andanças pela escola. Se isso acontecer, algo em seu favor foi feito. Se ele conseguir ter um pouco mais de esperança no amanhã, é porque algo já melhorou. Se ele conseguir parar, estacionar a sua carroça para poder fazer um “balanço do seu balançar” é porque algo aconteceu e nossa viagem terá valido a pena.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Telmo. Contribuição da escola na luta pela cidadania. In: *Educação e classes populares*. FISCHER, Nilton Bueno; FONSECA, Laura Souza; FERLA, Alcindo Antônio (orgs.). Porto Alegre: Mediação, 1996;

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Brasília: Líber livro, 2005;

ARROYO, Miguel González. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETT, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (orgs.). *Diálogos na Educação de Jovens e Adultos*. São Paulo: Autêntica, 2005;

_____. Política de conhecimento e desafios contemporâneos à escola básica – entre o global e o local. In: *Pesquisando e gestando outra escola: desafios contemporâneos*. BAQUERO, Rute; BROILO, Cecília (orgs.). São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001;

BARCELOS, Adair. *Escola, trabalho e economia solidária*. In: Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre. TOLEDO, Leslie; FLORES, Maria Luiza Rodrigues; CONZATTI, Marli (orgs.). São Paulo: Cortez, 2004;

BEAUD, Stephane; WEBER, Florence. *Guia para pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007;

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1984;

_____. *O que é método Paulo Freire?* São Paulo: Brasiliense, 1981;

CABRAL, Maria Regina Martins. A Educação Popular no Brasil na Década de 50 aos dias atuais. In: *Alfabetização de Adultos*. Cadernos de extensão, n. 05, Curitiba: UFPR, PROEXT, 1998;

FISCHER, Nilton Bueno. Movimentos sociais e educação: uma reflexividade instituinte. In: HIPOLITO, Álvaro Moreira; GANDIN, Luís Armando (orgs.). *Educação em tempos de incertezas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000;

FREIRE, Paulo; BETO Frei. *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Ática, 1985;

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1996, 12ª edição;

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000;

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 2001, 41ª edição;

FRIGOTTO, Gaudêncio. A educação e formação técnico-profissional frente à globalização excludente e o desemprego estrutural. In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998;

_____. *Fazendo pelas mãos a cabeça do trabalhador: o trabalho como elemento pedagógico na formação profissional*. Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas, São Paulo: Cortez (47): novembro, 1983;

GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995, 8ª edição;

HADDAD, Sérgio. Escola para o trabalhador: uma experiência do ensino supletivo noturno para trabalhadores. In: ARROYO, Miguel G. (Org.). *Da Escola Carente à Escola Possível*. São Paulo: Loyola, 1991;

MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*. Porto Alegre: Mediação, 1996;

_____. A cidade educadora como possibilidade – apontamentos. In: TOLEDO, Leslie; FLORES, Maria Luíza; CONZATTI, Marli (orgs.). *Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre*. São Paulo: Cortez, 2004;

PAIXÃO, Lea Pinheiro. Catadoras da dignidade: assimetrias e tensões em pesquisa no lixão. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). *Itinerários de pesquisa – perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011;

SIMÕES, Alexandre Pereira. Os sons da vila: leitura crítica da realidade. In: MOLL, Jaqueline (org.). *Educação de jovens e adultos*. Porto Alegre: Mediação, 2004;

SPÓSITO, Marília Ponte. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SITES CONSULTADOS

www.coletasolidária.gov.br

www.mncr.org.br

www.tratabrasil.org.br

www.clicrbs.com.br

www.portoimagem.com

www.portoalegre.rs.gov.br

ANEXOS

Guia de perguntas orientadoras para as conversações estabelecidas com os sujeitos pesquisados:

- 1) Nome:
- 2) Idade:
- 3) Local de nascimento:
- 4) Quanto tempo desempenha esta ocupação de catador? Gostas dela?
- 5) Qual é a média de sua renda mensal?
- 6) Quantos moram em sua residência? O sustento da família vem apenas de sua renda?
- 7) Você faz parte de alguma associação de catadores?
- 8) O que você acha da “lei das carroças” que pretende tirá-las das ruas?
- 9) Gostarias de trabalhar em outro trabalho (de carteira assinada)?
- 10) Qual é a sua escolarização?
- 11) Por que parou de estudar? Acha importante estudar? Pensas em voltar a estudar?
- 12) Quais lembranças possui da escola quando frequentavas?

ENTREVISTA I

- 1- Jacó;
- 2- 50 anos;
- 3- Natural de Porto Alegre;
- 4- Trabalha há 15 anos na carroça. Adora o trabalho. Também cata restos de comida para alimentar os porcos;
- 5- R\$ 500,00
- 6- Moram seis com ele. Somente sua renda;

- 7- Não é associado; (se essa tal de cooperativa fizer eu ganhar mais, acho que aceito trabalhar lá);
- 8- (Esta lei é terrível. Onde vão achar emprego para todos os catadores);
- 9- (Não gostaria de trabalhar em outra ocupação nem com carteira assinada. Gosto da carroça, mas não sei se vou continuar porque os meus bicos de pedreiro tão dando mais dinheiro.);
- 10- 4ª série incompleta;
- 11- Considera importante estudar e hoje sente-se arrependido de não ter continuado; (Voltar? Já estou velho para isso. Fico muito cansado. Parei porque não conseguia acompanhar... Faltava muito pra ajudar meu pai. Eram muitas exigências... Por que não continuei? Agora está difícil);
- 12- (Não lembro muita coisa da escola, mas lembro das brincadeiras e das amizades...).

ENTREVISTA II

- 1- Pedro;
- 2- 38 anos;
- 3- Natural de Porto Alegre;
- 4- Trabalha há 20 anos na carroça;
- 5- Um salário mínimo;
- 6- Moram quatro com ele. Somente a sua renda;
- 7- Não é associado; (Não pretendo me associar. Nem pensar. É exploração porque tem que cumprir a cota do dia e da semana que é tantos quilos de material. Somente quem cata bastante é que ganha mais. Se tu não cata como eles querem, ficam brigando contigo. Aqui na rua não tem que ter ninguém dando ordens);
- 8- (Estão loucos com essa lei. Não terá emprego para todo mundo. Eu não vou deixar o meu cavalo e a minha carroça);
- 9- (Não quero sair do meu negócio. Dá para se virar);

- 10- 4ª série incompleta. (quando estava com 18 anos comecei a estudar de novo num supletivo, mas larguei para ir morar com uma mulher. Por que eu larguei? Não é fácil. Quem não tem estudo passa trabalho. Não penso em voltar. Tenho que tocar a carroça ... já era ...)
- 11- (O estudo é importante, mas não dá para voltar agora. É muito cansaço);
- 12- (lembro que era legal. Eu estava aprendendo e tinha os amigos que eu gostava).

ENTREVISTA III

- 1- Dário;
- 2- 35 anos;
- 3- Natural de Quaraí/RS;
- 4- Trabalha há 15 anos com a carroça;
- 5- Um salário mínimo;
- 6- Ele e a esposa. Somente a sua renda;
- 7- Não é associado; (Eu era associado em Guaíba/RS e eu ganhava mais, mas ela acabou. Estou esperando o pessoal que são meus amigos montarem uma associação para eu me juntar com eles. os preços no galpão estão muito ruins.) Eu participava quando morava na ilha (Ilha Grande dos Marinheiros) mas ela fechou, todo mundo quis trabalhar por conta.);
- 8- (Essa lei é besteira... Tem muito catador por aí não só com carroça, mas até com carrinho de supermercado. Vão fazer o quê com a gente?);
- 9- (gosto da carroça e não penso em deixar. Às vezes faço uns bicos por aí, mas não largo a minha carroça e o meu bicho.);
- 10- Segunda série incompleta.
- 11- (Larguei o colégio porque tinha que trabalhar e ajudar os meus pais na lida. Voltar agora? Depende [...] se tiver curso profissionalizante eu voltava...);
- 12- (No meu tempo era bom. Agora está muito mudado. A gente respeitava mais).

ENTREVISTA IV

- 1- Davi;
- 2- 35 anos;
- 3- Natural de Livramento/RS;
- 4- Trabalha há 8 anos na carroça;
- 5- R\$ 700,00
- 6- Ele a esposa e dois filhos pequenos. Somente a sua renda;
- 7- (Eu fazia parte da associação, mas tinha que cumprir cotas de material. Tu trabalhava pra cachorro e quem lucrava era só o dono.);
- 8- (Ouvi falar nessa lei, é por causa da copa, depois eles não vão mais lembrar. Não estou preocupado.);
- 9- (Não sei se quero trocar. Vão me pagar mais que aqui? Com a carroça faço outros bicos também.); Viver da carroça dá pra sobreviver. Às vezes surgem uns carretos, uns bicos e tem bastante lixo pra todo mundo e é só pegar. Não tem nenhum patrão dando ordens.);
- 10- Quinta série incompleta;
- 11- (Larguei o colégio porque quando guri não queria nada com nada. Só queria baderna, matar aula e brincar com os meus amigos. Não dá pra voltar mais, tem que trabalhar...).
- 12- (Eu não gostava muito do colégio... As amizades eram legais e daí a gente começou a beber e a fumar.).

ENTREVISTA V

- 1- Mara;
- 2- 42 anos;
- 3- Dom Pedrito/RS;
- 4- Trabalha há 7 anos na carroça;
- 5- R\$ 600, 00
- 6- Ela e os dois filhos adolescentes. Somente a sua renda;
- 7- (Não faço parte. Mas sei o que é.);

8- (Estão falando nisso. Eu quero ver como é que vai ficar.)

9- (Se tiver que deixar a carroça para algo melhor eu faço. Não tá dando pra viver só do lixo, tem que arranjar outra coisa pra fazer junto.);

10- Sexta série incompleta;

11-Tive que trabalhar na roça, morava no interior. Já sei ler um pouco e até ajudo meus filhos no colégio. Tenho vergonha de voltar agora... Demora muito pra se formar e daí depois não consegue grande coisa, mas é como se fosse um atalho para se conseguir um emprego melhor, mas deveria já ter terminado [a escolarização] há anos...);

12-(O colégio era legal, mas tinha regras e quem não obedecesse não passava de ano.).

ENTREVISTA VI

1- Paulo;

2- 48 anos;

3- Natural de Camaquã/RS;

4- Trabalha há 18 anos na carroça;

5- Um salário mínimo;

6- Ele a mulher e mais quatro pessoas. Um dos filhos é casado e trabalha em uma empresa, ajudando com a sua renda;

7- (Nunca ouvi falar de associação de catadores);

8- (Se for verdade, com essa lei nós vamos ficar sem trabalho nenhum. Mas é o que muita gente quer. A gente é xingado no trânsito e não pode nem levar os bichos [os cavalos] para casa porque os moradores [da rua da frente] não aguentam o fedor. Não sei o que querem de nós ...);

9- (Quero ficar na carroça. Essa gente só querem se aparecer.);

10- (Estudei até a quarta série.);

11- (Meus pais não deixaram eu ir mais ... Vou continuar tocando... [trabalhando]” Não dá para voltar pro colégio agora.);

12- (Lembro que a gente aprendia e até hoje eu consigo ler, mas já está tarde para voltar.).

ENTREVISTA VII

1- Jairo;

- 2- 62 anos;
- 3- Natural de Criciúma/SC;
- 4- Trabalha há 30 anos com a carroça;
- 5- Ganha um pouco mais de um salário mínimo;
- 6- Moram ele a esposa e mais seis pessoas; somente a sua renda e a do cunhado;
- 7- Associação? Tem gente que é associado e disse que não gostou. Outros dizem que é bom;
- 8- (Essa tal de lei está deixando todo mundo preocupado. Eu não estou. Acho que vão fiscalizar só as carroças do centro. A gente nem vai pra lá.);
- 9- (Acho que não. É só isso que tem pra fazer. Numa empresa tem um monte de chefe dizendo o que tu tem que fazer. Já trabalhei de carteira assinada e não quero saber de nenhum chefe agora ...Como é que vai ser na associação? Melhor é viver solto por aí.);
- 10- (Estudei até a terceira série.);
- 11- (Tive que parar de estudar para trabalhar e ajudar os meus pais. Agora estou muito velho pra voltar tem mais é que trabalhar.);
- 12- (Lembro que eu aprendia a ler e escrever e tinha um monte de vizinho comigo e a gente ia e voltava junto. Pelo caminho a gente fazia um monte de arte...).

ENTREVISTA VIII

- 1- Denis;
- 2- 63 anos;
- 3- Natural de Erechim/RS;
- 4- Trabalha há 40 anos na carroça;
- 5- Cerca de um salário mínimo;
- 6- Moram dez pessoas na casa. Cada um ajuda um pouco catadando também. Tem mais outra carroça na casa;
- 7- (Associação? Já ouvi o pessoal comentar. Estou esperando pelos outros catadores que ficaram de se reunir e montar.);

- 8- (Essa lei só vem atrapalhar a nossa vida...vamos ver como é que vai ficar... sempre sobra para os pobres...);
- 9- (Não gostaria de trabalhar em outra coisa. Aqui a gente se vira e nunca falta comida na mesa... A vida é assim mesmo, meu filho... a gente é pobre...);
- 10- (Estudei só a primeira série, mas sei ler um pouco...);
- 11- (Parei porque eu e meus irmão tinha que ajudar em casa. Naquele tempo as crianças não eram obrigadas a estudar...);
- 12- (Não lembro quase nada, mas lembro que era bom ir.).

